

O MODERNISMO EM PORTUGAL- A GERAÇÃO ORPHEU

META

Apresentar as mudanças ocorridas na Europa nas duas primeiras décadas do século XX, nos setores social, político, econômico e cultural, que contribuíram decisivamente para alterar a visão do homem moderno.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

conhecer e compreender os fenômenos sócio-culturais da transição do século, na Europa e em Portugal;

compreender e explicar os conceitos de modernismo e vanguarda;

entender o papel central da geração de Orpheu na cultura e literatura portuguesa do início do século XX;

alargar os horizontes culturais a partir do conhecimento das produções literárias da época;

reconhecer as características e traços peculiares dos autores em estudo.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura das aulas sobre o Simbolismo português;

informações sobre a Europa do início do século XX (invenções, desenvolvimento científico e tecnológico, lutas sociais, primeira guerra mundial, revolução comunista) e sobre a vida política portuguesa (proclamação da República, ressurgimento do espírito nacionalista e do saudosismo);

conhecimento das principais tendências de vanguarda do início do século XX, na Europa.

INTRODUÇÃO

Caro alunos

As duas aulas anteriores abordaram a estética Simbolista que surgiu no final do século XIX e adentrou o XX. Conforme observou no decurso da aula anterior, no simbolismo houve uma reação à visão científica e materialista que prevaleceu na segunda metade do século XIX, por parte do homem europeu, marcada por uma intensa crise espiritual que culminou com um desencantamento generalizado, o que foi também chamado de Decadentismo.

A estética simbolista, embora de curta duração, abre trilhas para o movimento que se gesta nas duas primeiras décadas do século XX: o Modernismo. O poeta Camilo Pessanha, por exemplo, foi considerado como um dos grandes precursores da poesia modernista, pois, segundo Francisco Acchard (1994, p. 204), “de certa forma, reformula o verso português, dando-lhe mais agilidade e audácia de expressão”. Os modernistas portugueses, por sua vez, tiram vantagem, em certos aspectos, da herança simbolista. O saudosismo do poeta Antonio Nobre ganha força entre os membros da Geração Orpheu.

A aula que agora se inicia tratará do Modernismo em Portugal, de sua configuração sócio-histórica e cultural. Sem dúvida, Portugal procurou adaptar-se ao ritmo europeu e beneficiar-se do progresso cultural em curso, inserindo-se no contexto artístico por meio de manifestações estéticas que, se por um lado são marcadas pelo legado simbolista, por outro seguem os rumos das correntes de vanguarda que se anunciam em outros países.

Esta aula, portanto, versará sobre o contexto histórico do início do século, tanto na Europa quanto em Portugal, para uma melhor compreensão dos movimentos de vanguarda e de sua relação com o modernismo português.

CONTEXTO HISTÓRICO EUROPEU DO INÍCIO DO SÉCULO XX. OS MOVIMENTOS DE VANGUARDA

Nas duas primeiras décadas do Século XX, o ritmo do mundo se acelera tanto no campo científico como no tecnológico. Em algumas áreas da atividade humana, como a Psicanálise, a Antropologia, a Filosofia, dentre outras, há descobertas excepcionais, que unem novidades a escândalos. Segundo Achcar (1994):

No campo das ciências começa a ruir a velha metafísica dos objetos fechados, das entidades e das coisas, para dar lugar às relações. Uma coisa não é mais uma coisa: é um conjunto de partículas, uma dança de elétrons. (ACHCAR, 1994, p. 205).

No campo da tecnologia, os inúmeros inventos, como as transmissões radiofônicas, o telefone, o telégrafo, o cinematógrafo, o automóvel, o avião alteram, de certa forma, a concepção de tempo e de espaço. Os tempos modernos tornam-se mais ágeis e mais dinâmicos. Já não há necessidade de esperar as notícias durante meses, nem de perder tanto tempo em viagens em lombos de burro, charretes, carruagens. A velocidade das novas invenções abrevia os deslocamentos e dá ao homem moderno chance de desenvolver outras atividades que não apenas as costumeiras. Essas conquistas dão maior dinamismo à vida e incentivam a indústria, estimulando os investimentos, a criação de capitais e a produção de manufaturados. Alastra-se uma disputa aferrada pelo comando dos mercados de fornecimento e de consumo, o que resultaria, em 1914, na I Guerra Mundial.

No âmbito cultural, a Europa vive uma intensa atividade artística, a chamada *belle époque*, sobretudo nas cidades de Paris e Viena, que seduziam os artistas da época por sua intensa vida noturna e pelas novidades no campo da arte. Este clima de euforia, entretanto, atingia apenas a burguesia e a classe média. A classe operária, cada vez mais explorada e marginalizada, toma a si a defesa das idéias socialistas e anarquistas, organiza-se em sindicatos e luta por condições mais favoráveis de vida.



Rua de Paris durante a *belle époque*: estilo de vida elegante da burguesia.

(Fontes: http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Henri_de_Toulouse-Lautrec_005.jpg).

Todo esse amálgama de acontecimentos contraditórios motivou uma atmosfera favorável ao aparecimento, nas artes em geral, de várias tendências preocupadas com uma nova leitura da realidade, os diversos –ismos: Futurismo, Dadaísmo, Cubismo, Surrealismo, Expressionismo etc., chamados

de vanguarda européia. O termo vanguarda, proveniente do francês *avant-garde*, expressa o sentido de “o que marcha na frente”. Portanto, segundo Houaiss, a palavra nos transmite a idéia de “parcela da intelligentsia que exerce ou procura exercer um papel pioneiro, desenvolvendo técnicas, idéias e conceitos novos, avançados, esp. nas artes.”

Segundo Cereja & Magalhães (1997):

As correntes de vanguarda que surgem na Europa, durante a belle époque e depois dela refletem o espírito caótico e violento da época. Apesar de terem assumido, a princípio um caráter demolidor em relação ao passado, o Futurismo, o Cubismo, o Expressionismo e o Surrealismo, principalmente, apresentam os elementos que constituem uma nova arte, a arte do século XX.

Sem dúvida, as manifestações artísticas em geral, sobretudo a literatura, não poderiam ficar insensíveis a tudo isto. Por toda parte rebenta um movimento de ajuste da linguagem aos novos tempos. A este movimento chamou-se Modernismo. Em cada lugar, em cada país, tomou feições próprias, apresentando peculiaridades de acordo com o momento, com a região, ou com uma perspectiva particular, manifestando-se através de tendências vanguardistas que tomaram formas e denominações variadas.

Em Portugal, como no resto da Europa, as tendências de vanguarda, sobretudo o Futurismo, também influenciaram autores do movimento modernista, a exemplo de Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro, que buscaram captar a azáfama da vida moderna, através de versos que fugiam dos esquemas rítmicos tradicionais.

O MODERNISMO PORTUGUÊS

Conforme vimos anteriormente, vários acontecimentos relevantes, ocorridos nas duas primeiras décadas do século XX, ajudam-nos a entender o Modernismo português. Os anos iniciais desse movimento artístico coincidem com uma nova conjuntura mundial, decorrente da Iª Guerra (1914-1918), da Revolução Russa (1917), além de todos os fatos relevantes já mencionados no item anterior. Portugal atravessa uma série de turbulências e mudanças políticas, passando do sistema monárquico ao republicano.

Os primeiros anos desse sistema foram assinalados por intensas e constantes crises, que levaram o partido republicano a estilhaçar-se em diversas facções políticas, salientando-se a republicana (que defendia o golpe de 1910) e a anti-republicana (formada por setores conservadores: monarquistas e integralistas). Esta última une-se em torno de Antonio Sardinha, dando origem a um partido de extrema direita que conquista o poder em 1926 e, em 1928, seu principal líder, Salazar, assume o comando do governo, numa ditadura que se estende até 1974, quando se dá a Revolução dos Cravos.

Todo este cenário, reacende nos portugueses um profundo nacionalismo, o que leva artistas e intelectuais a tentarem reconstruir a cultura portuguesa. Houve, assim, um retorno ao passado, ao Sebastianismo, às Grandes Navegações. Em 1910, cria-se a revista *Águia*, que trata de temas de literatura, arte, política, filosofia etc., e se apresenta como porta-voz desse movimento, chefiado por Teixeira de Pascoais e Jaime Cortesão e tendo a colaboração de Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa.

Muitas outras revistas, além da *Águia*, surgiram na segunda década do século, todas com o objetivo de promover mudanças na cultura portuguesa, a exemplo de *Orpheu*, *Centauro*, *Seara Nova*, *Portugal Futurista*, entre outras. Fundada em 1915, pelo grupo modernista: Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Almada Negreiros, *Orpheu* torna-se o marco inicial do Modernismo português. Foi ela contemporânea dos principais manifestos de vanguarda.

O Modernismo português, portanto, é o período compreendido entre as duas grandes guerras mundiais. Daí porque as datas de 1915 (lançamento de *Orpheu*) e 1940 (desaparecimento da revista *Presença*) são marcantes como limites cronológicos.



Capa de *Orpheu*. Lisboa, Portugal – 1915.
(Fontes: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Orpheu1915.jpg>).

AS GERAÇÕES DO MODERNISMO PORTUGUÊS

Alguns autores fazem referência a duas gerações do período modernista: a primeira que surge com a publicação da revista *Orpheu*, em 1915, e a segunda, com a publicação da revista *Presença*, em 1927, cuja circulação se deu até 1945, sendo ela testemunha das transformações ocorridas em grande parte da primeira metade do século.

Outros fazem referência também ao Neo-Realismo, que surge em Portugal no final da década de 30, aproximadamente entre 1936 e 1950, em combate ao fascismo e à literatura sem compromisso, defendida pela revista *Presença*, sugerindo uma literatura social, militante e reformadora. Os escritores desse movimento assumem uma atitude de denúncia, como os realistas.

A GERAÇÃO DE ORPHEU

A revista *Águia*, surgida nos primeiros anos da segunda década do século XX, e o Saudosismo de Teixeira Pascoais congregaram a sua volta vários artistas, tais como Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, Mário Beirão, dentre outros. Todavia, em pouco tempo, motivados pelas modernas correntes européias, suplantam a orientação saudosista e evoluem para o Modernismo.

Em 1915, Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, Luís de Montalvor, Almada Negreiros e o brasileiro Ronald de Carvalho publicaram uma revista trimestral de literatura, em consonância com as tendências estético-filosóficas correntes na Europa, chamada *Orpheu*. O primeiro número é dirigido, em Portugal, por Luís de Montalvor e, no Brasil, por Ronald de Carvalho. Em sua introdução, há uma profissão de fé literária do grupo. Abaixo são citados alguns excertos. (Moisés, 1999, p. 239):

Puras e raras suas intenções com o destino de Beleza é o do: - Exílio!
Bem propriamente, ORPHEU, é um exílio de temperamentos e de arte que a querem como a um segredo ou tormento...

Nossa pretensão é formar, em grupo ou idéia, um número escolhido de revelações em pensamento ou arte, que sobre este princípio aristocrático tenham em Orpheu o seu ideal esotérico e bem nosso de nos sentirmos e conhecermo-nos [...]

E assim esperançados seremos em ir a direito de alguns desejos de bom gosto e refinados propósitos em arte que isoladamente vivem por aí.

As idéias declaradamente esotéricas incitam o grupo a criar uma poesia de cunho irreverente com o fito de chocar o burguês, para eles, símbolo

da estagnação cultural portuguesa. O movimento de *Orpheu* inaugura o modernismo, em 1915, nas ruas de Lisboa, com muitos gritos, badernas e com os no vos artistas vestidos de Arlequim. Entre os destaques do movimento que então se inicia está Fernando Pessoa, o poeta mais importante do modernismo português. A revista notabilizou-se não só pelo escândalo que provocou, mas também pelos textos publicados e pela influência que exerceu sobre as gerações seguintes.

Orpheu reunia tendências artísticas variadas, pois nela concorriam novos e velhos valores, tanto os simbolistas e decadentistas do final do século XIX, quanto às orientações das novidades trazidas pelo Futurismo e pelo Cubismo.

Alguns componentes do grupo foram influenciados pelo futurismo, a exemplo de Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro, que muito bem captaram a cadência a vida moderna, em versos que fugiam aos esquemas rítmicos tradicionais. Sá Carneiro também manifestou forte influência do decadentismo, Fernando Pessoa aproximou-se do Cubismo em seus poemas de cunho interseccionista, que multiplicavam as perspectivas de espaço, fragmentando objetos e produzindo cruzamentos.

Tanto Pessoa, Sá Carneiro como outros modernistas praticaram o verso livre, ainda que não tenham desprezado as formas rítmicas tradicionais, desde que cultivaram modelos consagrados da poesia portuguesa (versos decassílabos e redondilhas).

A revista *Orpheu* foi considerada uma das mais importantes publicações da época, congregando a sua volta a primeira geração do modernismo português, também chamada de Orfeísmo. Celebrizou-se por suas publicações, pelo escândalo provocado na época em que foi divulgada e pela influência exercida sobre as gerações subseqüentes.

Contou com apenas dois números, pois um terceiro, embora já organizado, não chega a sair, em conseqüência do suicídio do seu financiador: Mário de Sá Carneiro. Contudo é inegável sua importância para o Modernismo português.



Mário de Sá-Carneiro.

(Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Carneiro.jpg>).

Mário de Sá Carneiro, grande amigo de Fernando Pessoa, foi um dos escritores fundamentais para a implantação e desenvolvimento das idéias modernistas em Portugal. Daí o motivo de o apresentarmos nesta aula sobre o Modernismo.

Nascido em Lisboa, em 1880, estudou em Paris, onde frequentou irregularmente o curso de Direito, sem terminá-lo. Fez parte do grupo português fundador da Revista Orpheu, sendo inclusive financiador dos dois primeiros números, no entanto não chegou a custear o terceiro, pois o pai corta-lhe a mesada, por encontrar-se em dificuldades financeiras. Desesperado, Sá Carneiro suicida-se a 26 de abril de 1916, com 26 anos incompletos, num quarto de hotel em Paris, deixando cartas para o pai, para a amante e para o amigo Fernando Pessoa.

Escreveu contos (*Princípio*, 1912; *Céu de Fogo*, 1915), “narrativa” (*A Confissão de Lúcio*, 1914), poesia (*Dispersão*, 1914, *Indícios de Ouro* e *Poesias Completas*, publicação póstuma, 1946), teatro (*Amizade*, 1912, em colaboração com Tomás Cabreira Júnior) e *Cartas a Fernando Pessoa*, em 1958-1959, documentos importantes para compreensão “do seu caso íntimo e de sua trajetória estética.”

Moisés (1999, p. 248) muito bem nos fala de suas peculiaridades e de sua obra:

Dono de insólita sensibilidade, aguçada ao extremo do delírio e da loucura, o poeta ganha muito cedo a angustiante sensação de ser alheio à vida, e de esta lhe ser igual e totalmente estranha. O sentimento de estranheza gera-lhe outro: o de inadaptado ao mundo; egocêntrico, vaidoso, megalomaniaco, sente que o mundo é que não se lhe adapta e o repele como a uma incômoda presença.

Poeta e tão-somente poeta, inclusive nos contos, no teatro e na narrativa, Mário de Sá-Carneiro ocupa lugar à parte na evolução histórica da Literatura Portuguesa, tal a marca de individualidade e originalidade que imprimiu a tudo quanto escreveu. Seu caso pessoal condicionou-lhe a obra, e esta corresponde a um registro vivo dele.

Sem dúvida, suas obras muito bem nos revelam essa marca de individualidade. O eu lírico de seus poemas e as personagens de sua prosa são seres introspectivos, introvertidos, incompletos, pois buscam um “outro” dentro de si, como a buscar sua completude, uma vez que o “outro” apresentaria características distintas do eu. “O desmoronamento do “eu” opera-se ao longo dum duplo e simultâneo processo neurótico de autoflagelação e autocontemplação envaidecida. Aliás, um está na base do outro e um se complementa obrigatoriamente com o outro (Moisés, 1999, p. 249).”

Dispersão

Perdi-me dentro de mim
 Porque eu era labirinto,
 E hoje, quando me sinto,
 É com saudades de mim.

Passei pela minha vida
 Um astro doido a sonhar
 Na ânsia de ultrapassar
 Não dei pela minha vida

Para mim é sempre ontem,
 Não tenho amanhã nem hoje:
 O tempo que aos outros foge
 Cai sobre mim feito ontem.

(O Domingo de Paris
 Lembra-me o desaparecido
 Que sentia comovido
 Os Domingos de Paris

Porque um domingo é família,
 É bem-estar, é singeleza,
 E os que olham a beleza
 Não têm bem-estar nem família.)

O pobre moço das ânsias...
 Tu, sim, tu eras alguém!
 E foi por isso também
 Que te abismaste nas ânsias.

O pobre moço das ânsias
 Tu, sim, tu eras alguém
 E foi por isso também
 Que te abismaste nas ânsias.

A grande ave dourada
 Bateu asas para os céus,
 Mas fechou-as saciada
 Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,
 Assim me choro a mim mesmo
 Eu fui amante inconstante
 Que se traiu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro
 Nem as linhas que projeto:
 Se me olho a um espelho, erro
 Não me acho no que projeto.

Regresso dentro de mim
 Mas nada me fala, nada!
 Tenho a alma amortalhada
 Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,
 Fiquei com ela perdida.
 Assim, eu choro da vida,
 A morte da minha alma

(Obras completas de Mário de Sá Carneiro-
 Poesias. Lisboa, Ática, s. d. v.2, p. 61-5).

Como vimos, o poema aborda as relações entre o eu lírico e o mundo. Manifestando uma sensibilidade exacerbada, o poeta passa ao leitor a sensação angustiante de sentir-se perdido em seu próprio labirinto: seu interior. Para ele, o tempo presente não conta, perdeu o sentido, pois se encontra totalmente preso ao passado, com saudades de si próprio, do que era.

Num tom confessional de extremo arrebatamento, Sá Carneiro faz um desabafo de alguém que sonhou muito alto, mas “na ânsia de ultrapassar”, de ir além, esqueceu de viver, não sentiu a vida passar, ficou encarcerado num passado que se foi. Percebe-se o seu desajustamento com a vida e o mundo, a imersão em um abismo interior do qual não consegue sair.

O poeta chora a si mesmo, por não ter tido a ousadia de alçar o vôo necessário para sentir-se completo. Por isso sente-se um ser dividido, fragmentado, buscando um “outro” no seu íntimo, um duplo capaz de acabar com o seu vazio existencial, com o seu negativismo. Segundo Cereja e Magalhães (1997, p. 173), [...] “em Sá Carneiro a dissociação do eu conduz à frustração e à autoflagelação.”

Para Moisés (2006, p. 16), tanto em Fernando Pessoa, quanto em Sá Carneiro, poetas dos mais altos fôlegos líricos em Portugal, a desesperança leva ao suicídio. No segundo,

[...] por incoercível capacidade de aceitar-se, aceitando a vida numa inadaptação nascida dum sentimento de estranheza em face da realidade em que circulam os homens, conseqüência natural de um narcisismo exacerbado até o fim, a ponto de se fazer um deus, “rei dessa incoerência”. Dono de uma ultra-sensibilidade voltada para si própria e débil para conciliar os antagonismos que cria ou que encontra em si, fatalmente haveria de nulificar o próprio “eu”: “não sinto o espaço que encerro”. Ferido na hipertrofia do “eu” sua vida não tinha nenhuma explicação senão em Arte. Quando esta, atingindo seu limite genial o satisfiz (ou insatisfez), só restava o suicídio.

Em Sá Carneiro, vida e Arte se unem de tal forma que não se pode dissociar uma da outra. A arte foi a forma que encontrou de falar de si mesmo, de desnudar-se. Em sua poesia, como em sua prosa, há elementos pós-simbolistas (sinestésias, cromatismo, intersecção de objetividade e subjetividade) e decadentistas (gosto do mórbido e transgressão às normas e aos valores acatados tradicionalmente). Na novela *A Confissão de Lúcio*, Sá Carneiro usa recursos que já prenunciam o surrealismo. Em sua poesia, há liberdade lingüística, invenção de neologismos e muitas inovações gramaticais, tais como: substantivação de infinitos, alteração de regências verbais, substantivação do abstrato.

CONCLUSÃO

Conforme vimos, o Modernismo em Portugal surge numa situação de renovação política. A repercussão da queda da monarquia e da proclamação da república é enorme entre o povo e a cultura portuguesa. São retomadas com entusiasmo antigas discussões sobre a grandiosidade da nação, perdida a partir do declínio da renascença: o espírito nacionalista e saudosista do povo português é reaceso; vários artistas e intelectuais se lançam num projeto de construção da cultura portuguesa. Como exemplo dessa preocupação, temos a revista *Águia*, dirigida por Teixeira de Pascoais, e Jaime Cortesão, com a colaboração de Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa. Buscando modernizar o país e inseri-lo nas mais atuais tendências artísticas europeias, os modernistas dão sua contribuição à literatura, chegando a atingir níveis altíssimos de criação estética. A poesia rompe com a tradição e adere ao moderno, elevando-se a níveis de preocupação, desassossego e angústia universais, decorrentes da crise geral que, não só a Europa, mas o mundo atravessa. Sá Carneiro, Almada Negreiros, Fernando Pessoa, entre outros, fazem a literatura portuguesa transpor barreiras locais e sintonizar-se com o contexto europeu, senão mundial. Mesmo com a absorção das novidades e conquistas futuristas que tomavam conta da Europa, a exemplo da apologia da máquina e do progresso urbano, o que conduz o movimento à vanguarda, os modernistas não deixaram de cultivar algumas linhas mais tradicionais da lírica portuguesa, como a saudade, as camadas interiores do sujeito, a nostalgia.

RESUMO

No início do século XX, diferentes episódios ocorridos na Europa no âmbito sócio-cultural motivaram o aparecimento de diversas correntes artísticas, preocupadas com uma nova interpretação da realidade, os diversos-ismos: Futurismo, Dadaísmo, Cubismo, Surrealismo, Expressionismo etc., denominados de vanguarda europeia. Portugal, a exemplo dos demais países europeus também sente necessidade de inserir-se na modernidade.

Portugal, nos primeiros anos do século, é marcado por um embate de correntes literárias, algumas já provenientes do século anterior: Simbolismo, Impressionismo, Decadentismo etc. eram designações de uma mesma disposição geral para o transcendente e para o mistério, contrastando com o espírito científico dominante na segunda metade do século XIX.

O ideal republicano só se concretiza em 1910, após morte do rei D. Carlos por um manifestante antimonárquico, mas se desestabiliza em diversas facções. O espírito saudosista se reacende, tendo como propulsor Teixeira de Pascoais. É nessa época de instabilidade política e de agitações

decorrentes do clima tenso da 1ª Grande Guerra, que surge em Portugal um grupo de rapazes audazes e inovadores que fundam a revista *Orpheu*, em 1915, salientando-se Luís de Montalvor, Mário de Sá Carneiro, Fernando Pessoa, entre outros. Com o objetivo de agitar as consciências e impressionar o burguês, produzem uma obra que, no dizer de Moisés (2006) “contém estranheza e alienação”, representando uma crise de valores. No entanto, embora a revista *Orpheu* só tenha tido dois números, foi suficiente para abrir caminhos para o Modernismo.

Mencionam-se três gerações do período modernista: a primeira, chamada *Orpheu*, que surge com a publicação da revista *Orpheu*, em 1915, e a segunda *Presença*, decorrente da publicação da revista *Presença*, em 1927, cuja circulação se deu até 1945; e a terceira chamada Neo-Realismo, que surge em Portugal no final da década de 30, propondo uma literatura social, militante e reformadora. Os escritores desse movimento assumem uma atitude de denúncia, como os realistas.



ATIVIDADES

1. As tendências de vanguarda mais comuns no Modernismo foram: o Futurismo, o Cubismo, o Expressionismo, o Dadaísmo e o Surrealismo. Pesquise sobre elas procurando explicitar seus objetivos e propostas.
2. Procure, com suas palavras, explicar a seguinte citação de Massaud Moisés (2006, p. 14), ao falar sobre os artistas de *Orpheu*:

Um pouco para impressionar o burguês, um pouco porque desajustados social e culturalmente, apegam-se a um modo de ser que toda gente julga próximo da loucura. A obra que produzem contém estranheza e alienação, simbolizando, afinal de contas, uma espantosa crise de valores, de que eram ao mesmo tempo animadores e vítimas. A poesia criada por eles fundamenta-se no repúdio de toda idéia feita e na aceitação da anarquia, representada por essa mesma idolatria do poético, do não prático, do não burguês.

3. O novo tem sempre um ponto de partida: o velho. Seja para contestar, para rebater, para romper com o existente. Contudo, em alguns casos, percebemos que, mesmo que haja rupturas e surjam novidades, o velho nem sempre desaparece, ao contrário, às vezes é retomado, reavivado e chega, em alguns casos, a imbricar-se com o novo. Dê exemplos de ocorrências na literatura, sobretudo no Modernismo, em que tais fatos ocorrem.

4. Leia o poema que segue, de Mário de Sá Carneiro, e procure, a partir do conhecimento que tem das características da obra do autor, interpretá-lo:

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa e intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para responder as questões acima, procure reler a lição sobre o Modernismo português, realizar pesquisas em artigos e obras publicadas (livros de Literatura, Enciclopédias, revistas especializadas) ou na Internet. Leia e observe os detalhes do texto a ser interpretado, estabelecendo relações com a época em que o autor viveu.

PRÓXIMA AULA

Na aula seguinte, estudaremos um dos maiores poetas de Portugal, de suma importância na implantação do Modernismo. Conheceremos a sua proposta programática e os fatores de modernidade de sua obra poética. Daí o título da aula ser: Fernando Pessoa e a modernidade.



AUTO-AVALIAÇÃO

Após a leitura dessa aula, sou capaz de entender como aconteceu o surgimento do Modernismo na Europa? Posso listar algumas características do contexto histórico em estudo e falar de suas conseqüências para as artes? É possível mostrar que o Modernismo traz de influência de escolas anteriores? Quanto ao Modernismo em Portugal, posso entender a importância do movimento para esse país? Sei explicar qual a contribuição que a Revista Orpheu e Mário de Andrade trazem para o Modernismo português?



REFERÊNCIAS

- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Amália Cochar. **Panorama da literatura Portuguesa**. São Paulo: Atual, 1997.
- DE NICOLA, J. **Literatura Portuguesa: da origem aos nossos dias**. S. Paulo: Scipione, _____.
- _____. **Iniciação à Literatura Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MEDINA RODRIGUES et al. **Literatura Portuguesa**. S. Paulo: Ática, 1994
- MOISÈS, MASSAUD. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1999
- _____. **A literatura portuguesa através de textos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. **Presença da literatura portuguesa**. Modernismo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na Literatura brasileira**. São Paulo: Scipione, 1989.